

PSICODÉLICOS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

PSYCHEDELICS AND MENTAL HEALTH PROFESSIONALS: A RELATIONSHIP UNDER CONSTRUCTION

PSICODÉLICOS Y PROFESIONALES DE LA SALUD MENTAL: UNA RELACIÓN EN CONSTRUCCIÓN

Mylena Pezzini Rodrigheiro¹
Marina Pitagoras Lazareto²

RESUMO: Num cenário crescente em questões de saúde mental, a Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP) surge como uma abordagem promissora, sendo amplamente estudada e avançando em pesquisas globais. Na contrapartida, existem desafios como o estigma popular considerando essas substâncias como "drogas" perigosas e o distanciamento dos profissionais no tema. Este artigo buscou compreender como se apresenta o uso de substâncias psicodélicas no campo da saúde mental, bem como a compreensão dos profissionais de saúde mental acerca do tema. A abordagem foi qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e amostragem por saturação teórica. Os resultados mostram que todos os profissionais já receberam em seus consultórios algum paciente que relatou uso prévio ou atual de substâncias psicodélicas. Os profissionais com alguma formação na área apresentam maior compreensão, familiaridade e segurança no manejo clínico dessas experiências. Conclui-se que há uma demanda crescente na abordagem do tema, tanto na formação de base quanto na educação continuada, além da necessidade de um debate mais amplo no campo da saúde e na sociedade, de forma a reduzir estigmas e ampliar a compreensão e o acesso a novas abordagens terapêuticas que possam beneficiar a população.

149

Palavras-chave: Psicodélicos. Substâncias Psicoativas. Clínica Contemporânea.

ABSTRACT: In a growing scenario of mental health issues, Psychedelic-Assisted Psychotherapy (PAP) emerges as a promising approach, being widely studied and advancing in global researches. On the other hand, there are challenges such as the popular stigma considering these substances as "dangerous drugs" and the distance of professionals from the topic. This article aimed to understand how the usage of psychedelic substances presents itself in the field of mental health, as well as the comprehension of mental health professionals about the topic. The approach was qualitative, with semi-structured interviews and theoretical saturation sampling. The results show that all professionals have already received patients on their practices who reported prior or current use of psychedelic substances. Professionals with some training in the field demonstrate greater understanding, familiarity, and confidence on the clinical management of these experiences. The conclusion is that there is a growing demand for addressing the topic, both in foundational training and continuing education, in addition to the need of a broader debate in the field of health and Society, in a way to reduce stigma and expand understanding and access to new therapeutic approaches that may benefit the population.

Keywords: Psychedelics. Psychoactive Substances. Contemporary Clinic.

¹Graduada em psicologia, psicóloga, Universidade de Passo Fundo.

²Professora orientadora, Universidade de Passo Fundo.

INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (2023) o termo “substância psicoativa” (SPA) refere-se a qualquer substância capaz de produzir alterações no sistema nervoso central, modificando o seu funcionamento, podendo provocar alterações no humor, na percepção, no comportamento e em estados de consciência. Os psicodélicos integram essa categoria e, o termo psicodélico, é inaugurado em meados da metade do século XX. Até lá, as substâncias psicoativas naturais eram usadas unicamente como medicinas em rituais religiosos de culturas indígenas específicas. Depois da descoberta do psicodélico semi-sintético dietilamida do ácido lisérgico (LSD), a experiência proporcionada pela substância tornou-se o termo psicodélico, hoje, mundialmente conhecido e destinado a várias outras substâncias como MDMA, psilocibina, mescalina, DMT, etc.

Após o enfrentamento de uma história de pesquisas promissoras não finalizadas no século passado por uma série de desafios, expressos através de lógicas preconceituosas e proibicionistas, as substâncias psicodélicas ressurgem fortemente na atualidade, com estudos que já finalizaram a Fase 3.

Os psicodélicos, por serem chamados de substâncias que "manifestam a alma" tem um poderoso efeito de alteração de consciência. Isso se explica por sua estrutura molecular e forma de agir no sistema nervoso central que, diferentemente dos medicamentos psicotrópicos tradicionais, atuam como agonistas potentes nos receptores de serotonina 5-HT_{2A}, sendo substâncias que se ligam ao receptor e o ativam para produzir uma resposta biológica semelhante a serotonina. (NUTT, et. al, 2020) Esse mecanismo é diferente dos antidepressivos tradicionais, que geralmente aumentam os níveis de serotonina ao inibir sua recaptura pelo neurônio ou ao impedir sua degradação. Essa ativação dos receptores 5-HT_{2A} induz estados alterados de consciência e percepção, que são característicos das experiências psicodélicas.

A partir de pesquisas e estudos, surge a Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP) que tem como principal característica o uso terapêutico de uma substância psicodélica potente, em um mínimo de sessões, oportunizando um momento em que os indivíduos são monitorados e acolhidos por profissionais de saúde mental capacitados durante o efeito da substância. Além disso, as sessões de PAP são acompanhadas por psicoterapia preparatória e integrativa, que são sessões realizadas sem o uso da substância. O método vem demonstrando resultados promissores.

A PAP, na contramão de uma lógica biomédica individualizante, vem como uma possibilidade de considerar o conjunto de circunstâncias e fatores, além dos alvos medicamentosos e farmacológicos. Ou seja, no tratamento da PAP, incluem-se crenças, atitudes, preferências, escolhas e motivações das pessoas. Inclui-se, obrigatoriamente, a subjetividade do paciente (*set*). Já o cenário refere-se ao ambiente, contexto, terapeutas e equipe de apoio (*setting*), apoiando outras abordagens diagnósticas e considerando fatores biopsicossociais.

Diante desse cenário em transformação, torna-se essencial compreender como profissionais da saúde mental estão elaborando suas práticas, crenças e percepções frente ao surgimento de abordagens como a PAP. Este artigo se propõe a explorar essa construção em curso, por meio de entrevistas com dois grupos distintos: um formado por profissionais que atuam ou estão em formação na área da PAP, e outro por psicoterapeutas com prática clínica regular. Com isso, busca-se compreender não apenas contrastar modelos terapêuticos ou os conhecimentos técnicos envolvidos, mas também lançar luz sobre como o campo da saúde mental está se reinventando, quais são as reflexões éticas e os desafios percebidos diante de novas possibilidades de intervenção.

A escuta dos profissionais permite mapear em que medida esses saberes circulam nas clínicas, como são integrados (ou não) às práticas existentes, e quais barreiras ainda se impõem à sua incorporação. Assim, o trabalho se inscreve em um debate mais amplo sobre os rumos da clínica contemporânea, a pluralidade de caminhos terapêuticos e a importância de um olhar sensível às transformações em curso.

151

MÉTODOS

Diante dos objetivos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, embasada por pesquisa bibliográfica e pela realização de uma entrevista semiestruturada com profissionais da área da saúde mental³. O método de entrevista se deu por bola de neve. O número de participantes foi estabelecido utilizando a perspectiva da saturação, totalizando doze entrevistados. Cabe destacar que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, sendo aprovado pelo certificado número 80483624.7.0000.5342.

³ Os profissionais escolhidos foram os psicólogos, profissionais da área de medicina e/ou profissionais indicados que já participaram de alguma experiência com PAP.

A primeira entrevistada, denominada de participante chave, foi convidada a indicar duas pessoas para seguirem as entrevistas, que formaram dois grupos. A participante é psicóloga graduada pela Universidade de Passo Fundo e faz parte da primeira Formação do Brasil em Pesquisa com Psicoterapia Assistida por Psicodélicos, conhecendo profissionais aspirantes na área da saúde mental psicodélica. As entrevistas foram realizadas de forma on-line, através da plataforma Google Meet. O termo de consentimento livre e esclarecido foi enviado por e-mail, assinado e devolvido à pesquisadora.

Os participantes foram identificados através de dois grupos, sendo um grupo de profissionais do Município de Passo Fundo, RS (Grupo A) e o outro de profissionais que fazem parte da Formação em Pesquisa com Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (Grupo B). Para preservar o sigilo com relação aos nomes dos entrevistados, foram construídos nomes fictícios inspirados em animais e plantas nativas amazônicas, fazendo referência às tradições indígenas que registram há séculos o uso da medicina/substância psicodélica DMT no Brasil, que se encontra de forma abundante na região norte e nordeste.

| Nome fictício | Profissão | Grupo (A ou B) |
|------------------|-------------------|----------------|
| ARARA | PSICÓLOGO | A |
| JACARETINGA | PSIQUIATRA | A |
| CAIMAN | PSICÓLOGO | A |
| RÃ-TOURO | PSICÓLOGO | A |
| MACACO-PREGO | PSICÓLOGO | A |
| BOTO-COR-DE-ROSA | PSIQUIATRA | A |
| JUREMA | PSICÓLOGO | B |
| DAMIANA | PSIQUIATRA | B |
| LOSNA | PSICÓLOGO | B |
| LOURO | PSIQUIATRA | B |
| IPÊ-ROXO | MÉDICO DE FAMÍLIA | B |
| ALECRIM | EMERGENCISTA | B |

A análise se deu em três etapas a: a pré-análise do material de maneira flutuante, a partir da transcrição das entrevistas; a segunda que foi a exploração do material, onde elencamos as

categorias com os respectivos conceitos norteadores, e por último o tratamento dos resultados onde debruçamo-nos nas inferências e interpretação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

ATUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E PSICODÉLICOS

Dante dos desafios no cuidado e prevenção de agravos em saúde mental, as perturbações mentais compõem cada vez mais o amontoado global das doenças, com enormes custos socioeconômicos (Catalá-López et al., 2013). Em contrapartida, a investigação e desenvolvimento de novos psicofármacos - principal modo de intervenção psiquiátrica - tem mudado de forma, já que os psicotrópicos clássicos, que agem por meio da modulação dos níveis de neurotransmissores específicos para restaurar o equilíbrio químico, apresentam diversas reações adversas e nem sempre são eficientes.

Em matéria publicada na revista Exame, em 02 de dezembro de 2013, a manchete já alertava "*Psiquiatras dos EUA estão preocupados com crise de remédios*", isso porque houve uma significativa queda nos investimentos na maioria dos laboratórios para desenvolvimento de novos medicamentos em saúde mental, tratando essas pesquisas como "arriscadas e caras demais". Esta redução dos investimentos ocorreu depois de uma série de fracassos de testes clínicos com antidepressivos e antipsicóticos (Exame, 2013) 153

Demonstrando isso, tem-se que a aprovação de novas entidades moleculares para condições psiquiátricas pela *Food and Drug Administration* (FDA) dos EUA, caiu de 13 em 1996 para uma em 2016. Nas conferências de farmacologia no período, somente 5% das apresentações foram dedicadas a estudos humanos envolvendo medicamentos com novos mecanismos de ação (Van Gerven, Cohen, 2011). Estas ocorrências fazem parte de um quadro complexo, claramente dissecado como uma crise tripla em psiquiatria: de terapêutica, de diagnóstico e de explicação (Rose, 2016). Estima-se que 44% dos pacientes não respondem a duas terapias antidepressivas consecutivas, e cerca de 33% dos pacientes não apresentam melhorias após quatro terapias diferentes seguidas com antidepressivos tradicionais (Pio et al., 2021).

Os eixos de tratamento e diagnóstico da crise estão ligados pelo domínio explicativo: apesar do enorme investimento na neurociência como a fonte última para a compreensão da doença mental, tanto a classificação e o diagnóstico, bem como, o conhecimento sobre a patogênese e a etiologia ainda enfrenta muitos desafios (Stephan et al., 2016 *apud* Schenberg, 2018). O debate explicativo sobre os transtornos mentais é resumido pelas declarações

contrastantes de que “os transtornos mentais são transtornos cerebrais” (Deacon, 2013 *apud* Schenbergs, 2018) ou de que a psiquiatria corre o risco de “perder a psique” (Parnas, 2014 *apud* Schenbergs, 2018).

Aliado a isso, o número de diagnósticos quase dobrou em trinta anos. A versão do DSM-III (1980) continha 268 categorias, já a versão do DSM-5 (2013) contém 541 categorias. Estaria a psiquiatria descobrindo uma quantidade imensa de doenças diferentes umas das outras ou estaríamos patologizando situações de sofrimento que deveriam ser consideradas normais? Nesse sentido, o eixo diagnóstico também deve ser considerado como um fenômeno de dimensão histórica e política. O tratamento clínico e social dado aos sujeitos que apresentam algum tipo de sofrimento psíquico se relaciona com a cultura de cada época e com a forma vigente de se exercer o poder. Nesse sentido, Coelho & Neves (2023) afirmam que:

As categorias diagnósticas de nossa época servem muito mais para capturar as formas hegemônicas de mal-estar e traduzir em uma gramática passível de normalização do que para expressar a natureza de uma doença mental. Tal hipótese tem imenso peso político, visto que uma razão diagnóstica totalizante corrobora para o esgotamento da capacidade de enfrentar conflitos, contradições e reinvenções, o que gera um cenário de dificuldades para lidar com a alteridade e com as contingências próprias da vida, que acabam sendo patologizadas.

Nesses moldes, o diagnóstico torna-se totalizante, com poucos ou nenhum caminho sendo apresentado ao paciente para além de uma medicalização contínua. Nesse viés “o paradigma psiquiátrico acerca das doenças mentais segue a lógica do dispositivo saber-poder biomédico, aonde circunstâncias, razões, modo de vida, *set* e *setting* do paciente são, de certa forma, uniformizados com todos os demais pacientes portadores da mesma razão diagnóstica, e as possibilidades de cura individualizantes, pouco envolvidas e por vezes, estéreis.

Dito isso e levando em consideração a crise tripla, diversas são as lacunas sobre a incidência e melhor tratamento para transtornos mentais. Dessa forma, o “renascimento dos psicodélicos” tem surgido como uma importante alternativa para abrir novos horizontes e caminhos no tratamento de problemas com relação à saúde mental, uma vez que, depois de décadas, novas classes de substâncias com mecanismos de ação radicalmente diferentes estão sendo consideradas e integradas à prática clínica.

As perspectivas giram em torno dos novos mecanismos de ação. Por serem chamadas de substâncias que “manifestam a alma”, tem um poderoso efeito de alteração de consciência. Isso se explica por sua estrutura molecular e forma de agir no sistema nervoso central que, diferentemente dos medicamentos psiquiátricos tradicionais, atuam como agonistas potentes nos receptores de serotonina 5-HT_{2A}, sendo substâncias que se ligam ao receptor de serotonina

e o ativam para produzir uma resposta biológica. Esse mecanismo é diferente dos antidepressivos tradicionais, que geralmente aumentam os níveis de serotonina ao inibir sua recaptação ou ao impedir sua degradação. Essa ativação dos receptores 5-HT_{2A} induz estados alterados de consciência e percepção, que são característicos das experiências psicodélicas. Para a entrevistada Jurema (Grupo B):

Os psicodélicos permitem a gente ampliar, como traz o livro que fala sobre ampliar as nossas portas da percepção da mente, com esses pensamentos, sinapses nervosas que a gente não consegue através de uma psicoterapia tradicional e através de um tratamento medicamentoso tradicional, com o uso de psicodélicos a gente consegue alcançar.

Dos seis profissionais entrevistados no Município de Passo Fundo (Grupo A), quatro não têm nenhum tipo de envolvimento atual com a temática dos psicodélicos e dois possuem envolvimento atual com a temática dos psicodélicos, mais especificamente com a cetamina, utilizada como medicação para pacientes com depressão grave, em contexto hospitalar ou numa clínica de reabilitação da cidade. Nesse caso, como explica Jacaretinga, “*o tratamento é feito exclusivamente pela via intranasal ou endovenosa e ainda há pouco acompanhamento preparatório ou integrativo antes ou após a sessão medicamentosa*”. O entrevistado também afirma que:

Em termos de terapia assistida, quando se conversa, se tenta dar um sentido, os estudos estão mostrando que quando você faz isso logo, um pouquinho antes da infusão da cetamina ou até 48 horas depois, a infusão da cetamina funciona muito melhor, tudo fica mais tranquilo e o paciente melhor. (JACARETINGA - GRUPO A)

155

Todos os profissionais entrevistados que fazem parte da Formão em Pesquisa com Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (Grupo B) tem envolvimento atual com o tema em razão da formação. Dois participantes acompanham e administram sessões de cetamina, nesses casos, acompanhando preparação e integração. Um deles promove cursos de sensibilização de profissionais sobre o tema, o outro faz parte de um grupo de supervisão com outros profissionais, para estudos e trocas sobre as sessões com a cetamina. Duas participantes também trabalham clinicamente com preparação e integração psicológica psicodélica em seus consultórios.

Quando questionados a respeito do conhecimento sobre o tema dos psicodélicos, duas pessoas do Grupo A afirmaram não ter qualquer conhecimento, outros dois participantes afirmaram ter um conhecimento superficial. Para Boto-cor-de-rosa, “*Acho que é uma boa alternativa, mas pra isso a gente vai ter que ter muito conhecimento e principalmente muita estrutura física e profissional pra poder lidar com isso*”. Jacaretinga e Macaco-Prego que já trabalham com a cetamina, se manifestaram no que diz respeito a essa substância em específico. O protocolo utilizado na clínica de recuperação é, no local de trabalho de Jacaretinga, psiquiatra: “*de quatro*

semanas, sendo a cetamina administrada duas vezes por semana, depois mais quatro semanas com uma administração semanal, posteriormente entrando em fase de manutenção". Nesse caso, o tratamento com outros medicamentos segue. Macaco-prego afirma também conhecer a ayahuasca, entretanto, apresenta ressalvas e receios com relação ao possível risco de surto psicótico.

Importa mencionar que o risco de eventos adversos como o de transtorno psicótico induzido por substância existe, entretanto, há predisposições importantes que devem ser observadas antes da administração da substância. O uso de psicodélicos não é recomendado para pessoas com histórico pessoal ou familiar de transtornos psicóticos como esquizofrenia e transtornos de humor. Ainda, frisa-se que o risco e contraindicação não é exclusivo de substâncias psicodélicas, existindo também em sedativos, anfetaminas, cannabis, álcool etc. (MSD, 2022). Além disso, são raros os casos em que substâncias psicodélicas causem surtos psicóticos, havendo uma baixa frequência de reações adversas presentes nos estudos, até porque os perfis de risco fazem parte dos critérios de exclusão (Schenberg, 2018).

Para os profissionais do Grupo A, os conhecimentos acerca das substâncias psicodélicas são mais superficiais, advindos de informações soltas que ouviram falar por meio de outras pessoas ou *influencers* na internet.

Em contrapartida, para o Grupo B, psicodélicos são:

156

O meu pensamento sobre o tema psicodélicos é de ser uma ferramenta muitíssimo poderosa, potente, que tem que ser usada com respeito e para fins específicos. Não é porque eles são ótimos e que já temos evidências para tratamento que deve ser usado de maneira indiscriminada. Deve ser usado com muito respeito. (JUREMA)

Minha visão é realista e, enxergando um pouco dos desafios, em relação às limitações clínicas, por exemplo, sobre a aplicabilidade disso entre o que a gente tá vendo em protocolo e como vai ser na prática. (DAMIANA)

Eu acho que é um caminho muito interessante de tratamento, acho que valoriza muito a psicoterapia, princípios de psicoterapia, principalmente aqueles ligados a escolas de psicoterapia que valorizam as dinâmicas inconscientes. (...) É uma experiência profunda de contato com elementos inconscientes dos mais variados títulos. Então, eu acho que é uma ferramenta, um instrumento muito interessante para o tratamento, mas eu considero que é como se fosse uma psicoterapia otimizada, mais do que um tratamento medicamentoso em si. (LOURO)

Referente à utilização de substâncias psicodélicas, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos concluiu que pelo menos 30 milhões de pessoas no país já tiveram experiências com os psicodélicos LSD, psilocibina ou mescalina (Krebs & Jahansen, 2013). Esses dados destacam que, mesmo sendo ilegal, a livre circulação das substâncias acontece com facilidade. Isso reforça o argumento de que as substâncias estão circulando, entretanto, não de maneira regularizada e que o uso recreativo já é datado de décadas, com pouco investimento científico, não atingindo

maiores debates na formação dos atuais e futuros profissionais, bem como, sendo reduzido a uma substância ilícita, sem exploração do potencial terapêutico. Os autores demonstraram que:

Estimamos a prevalência ao longo da vida do uso de psicodélicos (dietilamida do ácido lisérgico (LSD), psilocibina (cogumelos mágicos), mescalina (peyote) por categoria de idade usando dados de uma pesquisa populacional dos EUA de 2010 com 57.873 indivíduos com 12 anos ou mais. Havia aproximadamente 32 milhões de usuários de psicodélicos ao longo da vida nos EUA em 2010; incluindo 17% das pessoas com idades compreendidas entre os 21 e os 64 anos (22% dos homens e 12% das mulheres). A taxa de uso de psicodélicos ao longo da vida foi mais alta entre pessoas de 30 a 34 anos (total de 20%, incluindo 26% de homens e 15% de mulheres).

Todos os profissionais entrevistados afirmaram já terem tido pacientes na clínica que fazem ou já fizeram uso de substâncias psicodélicas, afirmando que a presença dessas substâncias tem sido cada vez mais comum, embora menos comuns que outras drogas como maconha e álcool. As substâncias psicodélicas que mais aparecem são LSD, MDMA, cogumelo e consagração de ayahuasca em contexto ceremonial.

No que tange ao manejo clínico, os profissionais do Grupo A referem que nada de muito significativo foi trabalhado em torno do uso, eis que essas experiências chegariam em segundo plano a uma questão em destaque na clínica. Boto-cor-de-rosa afirma que o manejo é o mesmo que se dá com outras substâncias: "*manejo comportamental, psicoterápico, multidisciplinar e farmacológico*". Também Caiman manifesta perceber que o uso "*é algo que fica meio difícil, meio travado para o paciente abordar e falar, em si. Eu sinto que também fica uma coisa meio... Por mais que exista o vínculo terapêutico, existe toda a questão, é algo que o paciente também acha que não precisa muito entrar*".

157

Destaca-se que num ambiente clínico, também é papel do terapeuta enfatizar e dar destaque para assuntos potencialmente importantes mencionados pelo paciente, ofertando abertura e conforto para que possa falar de qualquer assunto, mesmo que por vezes desconfortáveis, uma vez que comumente são vistos pela ótica negativa e proibicionista, como o uso de "drogas". É uma opinião comum entre todos os entrevistados, que o estigma afasta os profissionais do tema, descartando vieses que poderiam ser considerados na terapêutica.

Sendo assim, um caminho possível de se pensar a construção do cuidado psicológico e psiquiátrico com relação ao uso de substância seria aquele atrelado aos princípios de uma Clínica Peripatética, no sentido de reinventar a formação, promovendo uma clínica que tenha movimento, rompendo protocolos. Uma clínica que se movimente à medida que o paciente se movimenta. (Lancetti; Amarante, 2009) Ou seja, muitas vezes o desconforto e a resistência de abrir a experiência do uso psicodélico não é só do paciente que fez uso das SPAs, mas também

do profissional, que ainda não está inteirado nos múltiplos efeitos psicológicos produzidos pela substância, e ainda se apresentam como aspectos não convencionais no processo terapêutico.

Em contrapartida, os profissionais do Grupo B referem, com relação ao manejo clínico, uma perspectiva voltada à redução de danos, tanto pela observação das razões do uso, contexto de uso, dosagem, o que o paciente busca, bem como, as percepções após o efeito da substância. Ou seja, a redução de danos se encontra na preparação e integração daquela experiência, a fim de minimizar possíveis abalos advindos de experiências desafiadoras, ou mesmo potencializar e integrar *insights* que possam ser positivos dentro daquela vivência. Podemos verificar isso na fala de Losna (Grupo B):

Eu não administro psicodélicos na clínica, eu não indico a pessoa ir pra algum lugar tomar um psicodélico, eu não digo pra ela onde comprar... Enfim, eu não faço nada que talvez vá ferir a ética profissional do psicólogo, mas eu converso sobre drogas e, obviamente, na perspectiva de redução de danos, a gente fala sobre alguns tipos de substâncias, os efeitos, as possíveis dosagens, o que a pessoa pode sentir no sentido subjetivo, físico, esses efeitos possíveis, porque as pessoas muitas vezes chegam sem informação nenhuma, lêem alguma matéria, em algum podcast ou na televisão sobre o benefício para tratar algum tipo de questão de saúde mental ou uma pessoa que faz o uso no contexto de festa e em algum momento da vida e está mais atordoada, teve crises ou pessoas que fazem o uso frequente para esse autoconhecimento e querem aprofundar e querem ter alguém junto para conseguir explorar mais as experiências.

Também fica claro que, para os profissionais que têm maior conhecimento acerca das substâncias, existe a possibilidade de conduzir o manejo de uma forma mais ampliada, trazendo essa questão como ponto central a ser trabalhado, bem como, filtrar e orientar pacientes que fazem parte de potenciais grupos de risco para aquelas substâncias. Com isso, sentem-se mais seguros em poder preparar o paciente para a experiência ou não o encorajar a seguir com a ideia. Damiana, psiquiatra do Grupo B, diz:

158

O que me deixava tranquilo também profissionalmente era pensar, bom, enquanto isso ainda não é um tratamento oficial, eu não posso prescrever e indicar. Mas como profissional de saúde, eu posso optar como redutor de danos. Um paciente meu bebe álcool e eu digo, “cara, tenta tomar uma dose alcoólica e uma não alcoólica, pra pelo menos não te embriagar muito rápido”. Estou orientando ele a fazer um uso mais seguro da substância. Então, por que eu não posso fazer isso com outras? Não é só reduzir dano também? Além disso, já que a gente sabe que são substâncias que podem ter benefício, a gente pode ajudar essa pessoa a tirar mais dessa experiência.

Da mesma forma, existem contraindicações a partir das experiências dos profissionais e alguns estudos clínicos. Nesse sentido menciona Losna (Grupo B) que:

Já chegaram pacientes, por exemplo, que estão em tratamento medicamentoso com psiquiatra, em alguns momentos com uma fragilidade muito grande, em crise, aí a gente entendeu que não seria interessante para aquela pessoa fazer uso de psicodélicos. Eu falo claramente, no sentido de não encorajar ela a ir para um lugar onde a gente sabe que pode ser potencial gatilho de alguma crise, algum surto, nesse sentido. Então eu faço essa triagem, esse cuidado. E outras já que estão lendo bastante sobre, estão

preparadas e bem firmes na sua intenção e que não tem, por exemplo, histórico pessoal e familiar de surtos psicóticos, que são algumas questões que a gente pergunta pra então verificar como tá a psique daquela pessoa, como ela tá se sentindo, como que ela tá na vida atual, qual a estrutura que ela tem pra poder sustentar talvez uma experiência dessa e a gente começa a fazer essa análise e então, depois a gente vai pra preparação mesmo.

As sessões de preparação para o uso das substâncias consistem na reflexão acerca de algumas questões importantes:

A intenção da pessoa, que tipo de substâncias ela conhece e já teve contato, como ela tá pensando em fazer essa experiência, sempre sugerindo pra não fazer sozinha. Se é em grupo, se é num espaço aberto, se é na natureza, se é dentro de algum lugar... Sempre pensando na melhor forma dela providenciar esse espaço fora do tempo, assim, dessa experiência pra ela.

A PAP tem se mostrado promissora no manejo da depressão, transtorno de estresse pós-traumático, alcoolismo, transtorno obsessivo-compulsivo, ansiedade associada a doenças terminais, etc. Esta descoberta representa uma mudança de paradigma na psiquiatria, não só abrindo novas possibilidades para o tratamento de transtornos mentais, mas também desafiando a visão tradicional sobre o uso de SPA psicodélicas, mostrando que, sob condições controladas, elas podem ter benefícios terapêuticos profundos e duradouros.

Para criar uma atmosfera segura e protegida em ensaios de investigação clínica, é dada muita atenção à configuração física da sala e aos cuidados de suporte prestados pelos psicoterapeutas assistentes. A pessoa é primeiramente preparada psicologicamente para a experiência, para reduzir o estresse e gerenciar as expectativas antes de entrar no estado alterado de consciência, e um ou dois terapeutas capacitados estarão sempre presentes para apoiar o paciente em tudo o que acontecer (Schenberg, 2018). O estado físico e mental de uma pessoa, bem como o ambiente, são fatores críticos que se entrelaçam na narrativa da experiência, isso é denominado de *set e setting*.

Além disso, durante os efeitos das “drogas”, os pacientes são continuamente monitorados e apoiados por profissionais de saúde mental treinados, seguindo as diretrizes disponíveis, sempre numa abordagem de assistência não-diretiva. Geralmente os pacientes ouvem música instrumental evocativa e são encorajados a permanecer introspectivos (com vendas nos olhos) e aberto aos sentimentos, atento aos pensamentos e memórias. Os psicodélicos amplificam emoções e pensamentos e, dependendo do estado interno e do ambiente da pessoa, podem trazer euforia ou ondas terríveis de ansiedade e paranóia (Jardim, 2020). Essa nova abordagem está transformando a forma como entendemos e tratamos doenças mentais,

oferecendo esperança para muitos pacientes que anteriormente tinham poucas opções de tratamento eficazes.

É importante também ponderar as considerações apresentadas por muitos dos entrevistados, que entendem que os psicodélicos não são uma panaceia, ou seja, um remédio universal para todos os males físicos e morais. Alecrim (Grupo B) aponta:

E eu penso que são substâncias importantes pra gente considerar a nossa realidade atual. E que acho importante destacar também é que não são uma bala de prata, não são uma panaceia, talvez não sirvam para todas as pessoas, mas que podem ser muito importantes para auxiliar a jornada, a caminhada de algumas pessoas. Eu não acho que todas as pessoas devem tomar psicodélicos, utilizar psicodélicos, mas eu tenho certeza que os psicodélicos também não são tão perigosos como são vistos por aí.

Ou seja, os psicodélicos se apresentam como uma nova possibilidade, uma nova ferramenta em potencial para ser usada em diversas situações, especialmente tratamento de doenças mentais refratárias, que não apresentam melhora dentro de tratamentos medicamentosos convencionais. A fala de Damiana (Grupo B) reflete essa questão:

As pessoas estarem recebendo essa venda de que isso é uma coisa milagrosa, que pode resolver tudo, e nesse modelo médico de uma substância, um remédio que elas vão lá e vão tomar e vai ficar tudo resolvido e, gente, não é isso. Tem que ter um trabalho de psicoterapia junto, tu já tá com um olhar pra dentro de ti, é um terreno já conhecido, tá disposto a encarar isso, né? Acho que essa limitação clínica também, de entender que não vai ser pra todas as pessoas, como nem todos os tipos de psicoterapia, nem todos os tipos de medicamentos. E também de não ficar pensando só bem na coisa clínica, de também entender o contexto da pessoa. Uma pessoa com trauma super grave, de longa data, que tá vivendo um relacionamento abusivo. O psicodélico, ele vai poder ajudar ela, mas ele não vai resolver o relacionamento abusivo, o desemprego, a fome, a falta de rede, o racismo.

160

Nesse sentido, importa destacar que além dos diferentes mecanismos de ação presentes nas substâncias psicodélicas que os diferenciam de outras substâncias psicotrópicas normalmente utilizadas, a terapêutica também se apresenta de maneira radicalmente diferente.

No que concerne ao protocolo da PAP, a principal característica, diferentemente do uso diário de outros psicofármacos, é o uso terapêutico de uma SPA potente em pouquíssimas sessões, com tempo programado, dentro das diretrizes de uso de cada substância. No estudo conduzido por Schenberg (2018) tem-se que, com a cetamina foram obtidos resultados positivos com uma a doze administrações, com MDMA com apenas três e com psilocibina e LSD apenas duas.

Depreende-se, portanto, que diante de uma crise de diagnóstico, explicação e terapêutica o uso dos psicodélicos, na PAP, se apresenta como uma nova ferramenta, distinta tanto em mecanismo de ação como em atuação, uma vez que os aspectos não farmacológicos têm destaque dentro da experiência, ou seja, incluem-se crenças, atitudes, preferências, escolhas e motivações

das pessoas. Inclui-se, obrigatoriamente, a subjetividade do paciente (*set*). Já o cenário refere-se ao ambiente, contexto, terapeutas, equipe de apoio, etc (*setting*). Assim, a PAP apoia outras abordagens diagnósticas que consideram fatores biopsicossociais, o que permite uma atuação mais ampla, não uma panaceia e sim uma nova possibilidade de acesso à saúde, compreensão da vida e alívio de sofrimentos.

UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO?

Ao longo dos anos os transtornos mentais foram aumentando exponencialmente, a quantidade de “drogas” lícitas (medicamentos) fornecidas também. Entretanto, estudos indicam que os transtornos mentais continuam sendo um dos maiores desafios à agenda de saúde. No estudo conduzido por Lopes (2020) existe o dado que:

Estima-se que 30% dos adultos em todo o mundo atendam aos critérios de diagnóstico para qualquer transtorno mental e cerca de 80% daqueles que sofrem com transtornos mentais vivem em países de baixa e média renda. (...) Os resultados encontrados evidenciam a elevada frequência de depressão maior, risco de suicídio, fobia social e ansiedade generalizada nessas populações, e representam um marco importante no conhecimento de tais transtornos no cenário nacional e da sua importância como problema de saúde pública.

Demonstrando isso, os dados comprovam que a comercialização de antidepressivos e estabilizadores de humor cresce a cada ano no Brasil. O Conselho Federal de Farmácia (2023) apresentou informações de que a venda desses medicamentos cresceu cerca de 58% entre os anos de 2017 e 2021. A população do Brasil, país subdesenvolvido de baixa e média renda, recorre de forma progressiva aos fármacos em situações relacionadas à saúde mental.

161

De acordo com um levantamento divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), o Brasil é um dos países mais depressivos e ansiosos do mundo. Cerca de 5,8% da população sofre com a depressão e 9,3% possuem problemas com ansiedade recorrendo a ansiolíticos e antidepressivos. Esses medicamentos, de uma forma geral, alteram os mediadores químicos produzidos pelo organismo, responsáveis pelos estágios de humor, como por exemplo, a dopamina e a serotonina, importantes neurotransmissores. A produção dessas substâncias pelo corpo humano influencia diretamente o estado de humor das pessoas. Problemas como depressão e ansiedade alteram o funcionamento dos mediadores químicos e os medicamentos agem regulando a produção e permanência nas sinapses do cérebro, com o objetivo de estabilizar a condição emocional de quem passa por isso.

Outro dado, resultante de um estudo conduzido pelo Instituto Cactus e Atlas Intel (2021), apontou que no Brasil apenas 5% da população realiza acompanhamento

psicoterapêutico, enquanto 16,6% fazem uso contínuo de medicamentos psiquiátricos. Estimativas recentes mostraram que os transtornos depressivos e ansiosos respondem, respectivamente, pela quinta e sexta causa de anos de vida vividos com incapacidade no país (Schenberg, 2018). Tais achados reforçam a urgência de maiores investimentos em saúde mental no Brasil e no mundo, corroborando com a mencionada crise psiquiátrica e psicofarmacológica.

Os psicodélicos são considerados uma classe de substâncias com pontuação relativamente alta em segurança fisiológica e psicológica, especialmente quando usados sob supervisão em um ambiente controlado. Quando administrados em doses adequadas, não ocasionam dependência ou reações adversas que não sejam controláveis na presença de alguém que possa fornecer suporte psicológico, se necessário (Kuypers, 2020). A corrente negativa que ainda circunda sobre essas substâncias está ligada diretamente a negligências nesses cenários, o que pode tornar o experimento psicodélico clinicamente ineficiente e iminentemente prejudicial (Roseman et. al, 2018). A função terapêutica dos psicodélicos depende essencialmente do seu cenário psicológico e ambiental.

Psicodélico é um termo abrangente usado para uma variedade de substâncias, sejam elas à base de plantas como o DMT, a mescalina e a psilocibina ou sintéticas, como o LSD, o MDMA e a cetamina, que alteram a consciência quando ingeridas: "os efeitos subjetivos dos psicodélicos incluem (mas não estão limitados a) hiper associáveis, cognição criativa, percepção sensorial distorcida (incluindo sinestesia e visões de padrões geométricos dinâmicos) e alterações no senso de si mesmo, tempo e lugar". (Tagliazucchi, et. al, 2014). Possuindo efeitos únicos e profundos na neuroplasticidade e na percepção consciente.

A PAP pode ser considerada como uma forma distinta de psicoterapia, uma vez que não atua como uma farmacoterapia pura, já que a terapia psicodélica envolve um curto número de sessões com psicodélicos de alta dose que são destinados a propiciar uma experiência psicológica profunda e com potencial transformador. Evidências mostraram que sessões psicodélicas de altas doses, com suporte psicológico e ambiental são capazes de proporcionar de forma confiável essas experiências, classificadas entre as mais "significativas" da vida de uma pessoa (Roseman et. al, 2018).

Os entrevistados do Grupo A demonstraram ainda pouco ou nenhum conhecimento acerca da PAP. Rã-touro afirma "*eu não faço ideia de como funciona*" e Arara diz "*Ouvi falar porque tenho pessoas conhecidas, pessoas próximas a mim que fazem estudos na área, mas não sei como funciona*". As informações que esses profissionais possuem apresentam-se de maneira mais superficial e

de fontes variadas, advindas desde por *influencers* na internet que relataram experiências de PAP em outros países ou por pessoas conhecidas que estudam o tema. Além disso, eles demonstram saber que se trata de ferramentas que facilitam a autorreflexão. Boto-cor-de-rosa, psiquiatra do Grupo A, se manifesta na seguinte direção: “*eu sou favorável à psicoterapia assistida por psicodélicos, justamente por eu acreditar que pode proporcionar uma ferramenta nova, pra um tratamento de coisas que talvez não tenham tido soluções com outras ferramentas.*”.

Os profissionais do Grupo B, referem ter ouvido sobre esse tema especialmente em congressos, quando esse protocolo ainda era inominado e a ideia se debruçava sobre “novos tratamentos em psiquiatria”. O que causou interesse em Jurema foi “*perceber como essas pessoas evoluíam e melhoraram das suas questões psíquicas quando frequentavam o ritual de ayahuasca. Então eu comecei a ficar, opa, tem algo aqui que a nossa clínica tradicional não alcança, não consegue mensurar*”. Os estudos científicos acerca da temática dos psicodélicos não são recentes e iniciaram na metade do século passado, Louro menciona “*Comecei a procurar literatura e me surpreendi com a amplidão da pesquisa que já tinha sido feita sobre psicodélicos na década de 50 e 60 do século XX, e daí eu não parei.*”.

Quando questionados sobre os conhecimentos de diagnósticos, contextos e situações em que a PAP poderia ser utilizada, Caimana, Rã-touro e Macaco-prego, entrevistados do Grupo A, não tinham nenhum conhecimento. Arara e Jacaretinga reportaram saber que pode ser útil para tratamentos de depressão grave e estresse pós-traumático, e Boto-cor-de-rosa acrescentou também quadros de ansiedade e situações conflitivas dinâmicas. Quanto ao contexto e situações adequadas, todos do Grupo A revelaram não ter nenhum conhecimento.

Os profissionais do Grupo B, no que diz respeito à recomendação diagnóstica esmiúçam mais detalhadamente os estudos que estão sendo feitos e o direcionamento de cada substância para diagnósticos mais específicos. Embora seja importante relembrar o que menciona Louro: “*A gente ainda não pode considerar que a PAP é oficialmente indicada para nenhuma condição.*”. Entretanto, os estudos de Schenberg (2018), vêm se solidificando na mesma direção do que mencionam alguns dos entrevistados:

A indicação para o PAP nunca é a primeira. O paciente não vai receber o diagnóstico e fazer PAP, mas pode ser muito eficiente em casos de depressão refratária, isto é, recorrente de outros tratamentos convencionais sem resposta. Então, a ideia é que a pessoa, de fato, tente um tratamento convencional e, não havendo resposta, aí sim a PAP é uma alternativa interessante. (...) Hoje a gente entende existir o cogumelo (psilocibina) para um tratamento mais focado na depressão, o MDMA num tratamento para estresse pós-traumático, que compõe a maioria das pesquisas feitas nos Estados Unidos em razão do pós-trauma em veteranos de guerra, como também MDMA para

casais, cuidado com casais. A ibogaína é muito utilizada no tratamento de vícios de álcool e cigarro, assim como a ayahuasca. (JUREMA - GRUPO B)

Também já temos pesquisas muito consistentes com resultados favoráveis para transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e transtorno alimentar. Tem um campo de pesquisa muito amplo para angústia e sofrimento existencial/espiritual em pacientes com doenças terminais, próximos da morte, num sofrimento muito intenso. Para isso também os psicodélicos têm mostrado resultados muito interessantes. (LOURO - GRUPO B)

No que diz respeito aos conhecimentos do Grupo B quanto ao contexto e situações em que a PAP poderia ser recomendada, os profissionais apresentam que a situação mais indicada seria, conforme pontuou Losna "*para um tratamento compassivo, que é isso que a gente chama, um tratamento para alguém que já tentou várias alternativas e não foi possível*" e as configurações ideais para a realização do protocolo foram explicitadas por Jurema (Grupo B):

Seria dentro de um consultório, com um psiquiatra e um psicólogo, de preferência que seja um homem e uma mulher, para que a gente tome cuidado com as projeções e para que o paciente se sinta mais à vontade, mais acolhido, para que seus gatilhos não sejam despertados ali. Às vezes podemos ter uma paciente mulher que sofreu um abuso e aí se são dois terapeutas homens, ela pode engajar num pensamento e se sentir mal nessa configuração. Seria importante ser um psiquiatra e um psicólogo porque vai ter o momento da administração da substância que nós, psicólogos, não somos autorizados a fazer. E também se necessitar de algum manejo médico, tá ali o médico já disponível. Caso seja feito com dois psicólogos, tem que ter um médico plantonista. Ao psicólogo cabe toda a parte desse suporte emocional, não só no dia da substância, mas principalmente na preparação e na integração. No dia da substância, quase que não é a terapia, mas sim esse uso assistido num ambiente seguro e controlado.

164

As pesquisas apresentadas na revisão de literatura promovida por Schenberg (2018) mostram que:

Os psicodélicos podem promover a neuroplasticidade, que é a capacidade do cérebro de formar e reorganizar conexões sinápticas, especialmente em resposta a novas experiências ou após danos. A psilocibina, por exemplo, tem sido observada em estudos pré-clínicos e clínicos para aumentar a conectividade neuronal e a densidade de espinhas dendríticas, que são pontos de comunicação entre neurônios. Isso sugere um potencial terapêutico para a recuperação de circuitos neuronais disfuncionais em condições como a depressão e o TEPT.

Durante o tratamento, acontecem sessões preparatórias e integrativas, estas são realizadas antes e após a sessão com a "droga". Os indivíduos são monitorados e conduzidos constantemente por profissionais de saúde mental, treinados de acordo com as diretrizes disponíveis. Durante o efeito da substância os pacientes são provocados a ficarem introspectivos, escutam músicas geralmente instrumentais, livres para sentir e pensar, além de ficar atentos às memórias (Richards, 2017). No Brasil a Ayahuasca tem permissão para uso religioso, *setting* que atrai cada vez mais pessoas para experiências com psicodélicos. Os entrevistados suscitam esse contexto e outros contextos coletivos:

O contexto da PAP oficial tem sido no meio acadêmico, mas tem um contexto religioso que também é legalizado aqui no Brasil com a Ayahuasca. A Ayahuasca tem mostrado resultados favoráveis para a depressão também no contexto de pesquisa, mas o contexto religioso também é um contexto de ajuda, para quem está na busca de um auxílio para a saúde mental. (LOURO - GRUPO B)

A PAP também pode acontecer em grupos. E aí talvez em clínicas, mais nesse sentido de clínicas de psicologia. Na Jamaica e na Holanda já é feito assim (...) E acho que o terceiro modelo talvez seja o de退iros. (...) No SUS, pode ser que acabe tendo esses três tipos. (DAMIANA - GRUPO B)

A PAP pode ajudar a resolver muitas preocupações prementes de segurança nos tratamentos psicofarmacológicos atuais, colmatando uma lacuna atual no conhecimento entre a investigação e a prática clínica. Esta lacuna é criada porque os ensaios clínicos psiquiátricos raramente duram mais de seis meses (Downing et al., 2014), enquanto os produtos aprovados com base nestes ensaios são posteriormente prescritos para uso diário crônico durante anos, por vezes décadas.

Muitas consequências adversas atuais do uso de medicamentos de prescrição psiquiátrica surgem desta lacuna, incluindo a diminuição da adesão aos medicamentos ao longo do tempo (Chapman & Horne, 2013; Médic Et Al., 2013 *apud* Schenberg, 2018), a toxicidade do aumento da polifarmácia (Mojtabai & Olfson, 2010; Kukreja Et Al., 2013 *apud* Schenberg, 2018), dependência de medicamentos prescritos que causam sintomas graves de abstinência (Wright Et Al., 2014; Mchugh Et Al., 2015; Novak Et Al., 2016 *apud* Schenberg, 2018) e uma infinidade de reações adversas que surgem após o uso diário prolongado de “drogas”, por exemplo, alterações de peso, dores de estômago, obstipação, alterações de humor, confusão, pensamentos anormais, delírios, perda de memória, inquietação, acatisia, discinesia tardia, disfunção sexual, ansiedade, tonturas, problemas de sono e até ideias suicidas. O tratamento dentro da PAP tem início, meio e fim, como pontua Jurema (Grupo B):

165

Então, o que a gente entende da PAP? Ah, então vai trocar uma droga por outra? Não vai tomar medicação, mas aí vai começar a fazer uma PAP? Não! Porque a PAP é um tratamento pontual. A ideia é que a pessoa tenha duas ou três sessões de substância num tratamento aí que vai durar dois, três meses e só. Ali ela pode fazer, talvez, o desmame da medicação dela e ter a possibilidade de viver uma vida que faça sentido. A gente busca um público que está há muitos anos tomando medicação e não tem resultado. Sim, isso tudo pelos efeitos que só a pessoa vai conseguir viver dela mesma.

Os psicodélicos frequentemente induzem experiências místicas ou transcendentais, advindos de um estado não ordinário de consciência. Esses estados são caracterizados por sentimentos profundos de conexão, significado e expansão da consciência, muitas vezes descritos como experiências espirituais ou de unidade com o outro e com o universo. São também comumente trazidos como experiências inefáveis, ou seja, onde a palavra não alcança,

mas que podem proporcionar insights profundos e mudanças na percepção pessoal e no comportamento.

Essas experiências são muitas vezes descritas como altamente significativas e podem ajudar os pacientes a reformular pensamentos e emoções, levando a melhorias duradouras em condições como a depressão, ansiedade, medo da morte em pacientes terminais e dependência química. Esse aspecto terapêutico é qualitativamente diferente da ação mais gradual e menos intensa dos antidepressivos convencionais. Todo esse panorama é apresentado como resultado de diversas pesquisas mencionadas neste trabalho e de outras fontes, além disso, muitos estudos seguem acontecendo.

A última pergunta da entrevista buscou explorar as reflexões dos profissionais sobre as perspectivas futuras dos psicodélicos. As preocupações e considerações que se apresentaram nas respostas, vão desde como tornar o protocolo acessível, até sobre a atuação dos órgãos reguladores e questões envolvendo a indústria farmacêutica, considerando que esta poderia não ter interesse na regulamentação do protocolo pois, isso implicaria na redução das vendas e lucros por medicamentos de uso diário, que poderiam ser substituídos pela PAP, caracterizada por uma aplicação farmacológica pontual.

Para Arara (Grupo A) “Os interesses da indústria farmacêutica fazem com que pareça distante a ideia de que um tratamento, onde a dose diária de medicamento não exista, se torne realidade” no mesmo sentido discorreu Ipê-Roxo (Grupo B) “Eu acho que no final o ponto é sempre a questão de como a gente vai fazer dentro do sistema que a gente está, que sempre vai visar o lucro. E como é que a gente vai ultrapassar essa barreira de uma forma democrática”.

166

Por esses obstáculos calcados por questões econômicas e de mercado, a perspectiva de Jurema (Grupo B) é um cenário que se apresenta possível, entretanto, limitado: “achou que ela vai entrar em tratamento como um tratamento especial de ordem dentro daquela lista, vai continuar uma lista especial com uma dificuldade, não vai ser acessível.” Boto-cor-de-rosa (Grupo A) também opina nessa direção: “O que me parece ainda difícil é a questão de acesso em virtude do custo. Até pela questão de custo de tratamento multidisciplinar, psicoterápico e acesso a tudo isso. Então não me parece algo tão viável de forma imediata para a população geral.”.

Questões éticas relacionadas à apropriação de substâncias indígenas e às práticas culturais associadas também fazem parte do debate. Muitas dessas substâncias, como ayahuasca, peyote e ibogaína, possuem raízes profundas nas tradições espirituais e medicinais de povos indígenas. A expansão de seu uso em contextos terapêuticos ou recreativos modernos

pode gerar tensões culturais e impactos negativos sobre as comunidades já que as substâncias estão sendo adaptadas para contextos comerciais e terapêuticos sem necessariamente respeitar o significado espiritual e cultural que elas possuem e nem mesmo dar crédito a quem preserva e desenvolve os conhecimentos associados ao uso dessas substâncias ao longo de gerações.

Outros pontos de interrogação com relação ao futuro se referem às preocupações voltadas aos órgãos de regulamentação que dificultam, inclusive, a realização de pesquisas na área:

E a gente tem esse conservadorismo aí, pessoas que fecham os olhos e não entendem muito bem de onde vem a palavra droga, o que quer dizer isso, o que são drogas. Então muitas pessoas conservadoras que estão no poder e estão em cargos, em órgãos de regulamentação, que têm uma visão muito apegada e empobrecida, realmente equivocada das substâncias psicodélicas e não permitem sequer que isso volte a ser pesquisado. Nem está falando nem de uma regulamentação para o uso geral da sociedade, está se falando de pesquisa. Aqui no Brasil existem muitos pesquisadores com muita dificuldade de continuar seus estudos e pesquisas. (LOSNA - GRUPO B)

Acho que existe ainda muito preconceito e nas pessoas estão lá no nível de nos representar em alguns órgãos de regulamentação. (ARARA - GRUPO A)

Enquanto no Brasil o contexto de pesquisa enfrenta entraves em autorizações de importação das substâncias controladas e atrasos significativos, com pedidos de autorização aguardando análise por anos (Isto é, 2024), o uso recreativo e sem supervisão, acompanhamento ou orientação segue acontecendo, nesse sentido se manifesta Louro (Grupo B):

167

As pessoas estão procurando isso fora de um contexto oficial, médico e legal. Estão procurando isso por conta própria, eu acho que isso já foi incorporado à nossa cultura, isso não vai acabar. O atraso do reconhecimento da terapia assistida oficialmente, acho que só prejudica a nossa formação e o nosso preparo para poder cuidar desse uso que já foi incorporado e até no contexto religioso regulamentado e a Ayahuasca em grande expansão de uso, mas pessoas utilizando hoje do que há 10 ou 20 anos, e os profissionais não estão tendo oportunidade dessa formação por causa desse atraso de regulamentação.

Dessa forma, o que se tem são ainda muitas questões em aberto que estão sendo refletidas e debatidas já que o cenário mundial da saúde mental se mostra cada vez mais carente de métodos de cuidado eficientes. Não à toa, o contexto religioso e ceremonial atrai cada vez mais pessoas, buscando acessar outros estados de consciência. Isso pode ser visto, inclusive, como uma questão de liberdade e acesso à própria consciência já que é notório uma ascensão no interesse público nessas experiências com potenciais inegavelmente significativos.

Cabe à sociedade e, nesse contexto, especialmente aos profissionais de saúde assumir o compromisso de lidar com dados de realidade que vão desde o aumento significativo de sofrimento mental em todo o mundo, bem como, considerar real a crise psicofarmacológica, admitindo a necessidade de novas ferramentas, reconhecendo os resultados e impulsionando as

pesquisas e debates relativos às substâncias psicodélicas. Tudo isso direciona à escolha de caminhos que podem ser ou perpetuação e atualização de estigmas já solidificados ou o reconhecimento de novas formas de pensar sobre saúde, saúde mental, drogas e compromisso ético com o cuidado.

CONCLUSÃO

Tem-se, pelas entrevistas realizadas, que todos os entrevistados já tiveram em seus consultórios e territórios pacientes que fizeram uso ou demonstraram interesse no uso de substâncias psicodélicas. No que concerne a visão sobre “drogas”, denota-se que os profissionais que se encontram numa formação específica que versa sobre substâncias psicodélicas, tem um panorama mais amplo, que considera maiores complexidades acerca do uso. Também possuem uma aproximação consideravelmente maior com a abordagem de redução de danos do que os profissionais do município de Passo Fundo, que possuem uma clínica regular, apresentando uma visão mais simplificada do tema, deixando-o em segundo plano quando o assunto chega ao consultório.

No que tange a atuação em saúde mental e psicodélicos, é necessário considerar a existência de uma comprovada crise na psiquiatria e psicofarmacologia, marcada pela ineficiência parcial dos medicamentos disponíveis, o que demonstra a necessidade de novos tratamentos e de um olhar mais amplo sobre os diagnósticos. Dentro dos novos tratamentos estudados atualmente, encontram-se um grupo de psicodélicos como o DMT, LSD, psilocibina, MDMA, mescalina, ibogaína e cetamina, substâncias alteradoras da consciência que apresentam um novo mecanismo de ação e mostram-se promissoras no tratamento de diversas condições em saúde mental. Dentre os dois grupos, somente o Grupo B tinha conhecimento prévio dessa nova possibilidade e somente dois, dos seis participantes do Grupo A tinham conhecimento e envolvimento, que se estende unicamente sobre a substância psicodélica cetamina.

168

A PAP tem se tornado uma grande aposta, já que a prevalência de transtornos mentais está aumentando globalmente e os medicamentos psiquiátricos atuais, apesar de amplamente utilizados, apresentam limitações e efeitos colaterais. Numa abordagem que inova tanto nos mecanismos de ação, quanto na terapêutica, tem apresentado resultados promissores para diagnósticos como transtorno de estresse pós-traumático, depressão profunda, etc. Os profissionais do Grupo B exibem amplo conhecimento sobre a abordagem, o que se justifica por

seu envolvimento na Formação de Pesquisa em PAP. Já os entrevistados do Grupo A, para além do tratamento com cetamina, tinham conhecimentos superficiais advindos de influenciadores ou fontes não científicas sobre o tema.

Depreende-se desta pesquisa, portanto, que apesar do potencial, o uso de psicodélicos ainda enfrenta desafios em suas perspectivas futuras, como a estigmatização, a falta de regulamentação e incentivo à pesquisa, questões éticas e de acesso, bem como, a necessidade de ampliação do debate sobre “drogas” e substâncias psicoativas entre os profissionais da saúde, considerando a diversidade de substâncias e os contextos sociais. Os psicodélicos representam a quebra de uma fronteira na pesquisa e tratamento de doenças mentais, oferecendo esperança para pacientes com poucas opções terapêuticas. Ademais, destaca-se que mesmo a PAP sendo uma abordagem promissora, exige profissionais capacitados e um ambiente terapêutico seguro.

Outrossim, ressalta-se o conceito de saúde exposto na 8^a Conferência Nacional de Saúde, que aponta o direito à saúde como sendo “resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio-ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso, posse de terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social, às quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.” Considerando o cenário atual de grande desigualdade social, regido pela lógica neoliberal individualizante, é fundamental que a pesquisa de novas ferramentas de cuidado continue avançando e que modelos tradicionais sejam questionados, modificados e acrescentados, a fim de promover uma abordagem menos fragmentada e que englobe a perspectiva biopsicossocial.

A PAP requer dos profissionais da área da saúde mental uma reaproximação entre psicoterapia e farmacologia, com embasamento científico, e com objetivo principal de trazer a existência legal de tratamentos seguros, rápidos e eficazes para um grande número de pessoas em alto nível de sofrimento, que se intensifica pela medicalização em massa e pela ausência de saúde num sentido amplo, por vezes normalizado por profissionais que têm um dever ético de cuidado.

Diante do distanciamento dos profissionais com temas centrais que atravessam a sociedade e, consequentemente a clínica, devemos nos perguntar: O que é pensar a saúde? E refletir se, em nossas práticas, de alguma forma caminhamos na direção do conceito ampliado de saúde, ou na perpetuação de um modelo tradicional saber-poder biomédico, limitado e falho, que separa o corpo em diversos pontos, esquecendo a relação intrínseca entre o trio corpo, mente e espírito. A clínica contemporânea é um espaço de transformação contínua, que se transforma

à medida que a cultura se transforma. Pensar saúde inclui o conceito de clínica peripatética, que caminha com o sujeito nos territórios do cotidiano.

REFERÊNCIAS

CATALÁ-LÓPEZ, F. et. al. The increasing burden of mental and neurological disorders. *Eur. Neuropsychopharmacol.* 23, p. 1337–1339. 2013. doi: 10.1016/j.euroneuro.2013.04.001

COELHO L, NEVES T. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. *Saúde e Sociedade*, p. 2-9, 2023. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220850pt>

DEACON, B. J. The biomedical model of mental disorder: a critical analysis of its validity, utility, and effects on psychotherapy research. *Clin. Psychol. Rev.* 33, p. 846-861, 2013. doi: 10.1016/j.cpr.2012.09.007

INSTITUTO CACTUS, ATLASINTEL. Apenas 5% dos brasileiros fazem terapia, mas 1 a cada 6 usam medicamentos, mostra pesquisa inédita sobre saúde mental. São Paulo, SP, 2023. Disponível em: <https://panoramasaudemental.org/> Acesso em: out/2024

JARDIM A. V et al. 3,4-methylenedioxymethamphetamine (MDMA)-assisted psychotherapy for victims of sexual abuse with severe post-traumatic stress disorder: an open label pilot study in Brazil. *Brazil Journal of Psychiatry*, p. 181-185, 2020. doi: 10.1590/1516-4446-2020-0980.

KREBS, T. S., AND JOHANSEN, P.-Ø. Psychedelics and mental health: a population study. *PLoS ONE*, 2013. doi: 10.1371/journal.pone.0063972 170

KUYPERS, KIM PC. The therapeutic potential of microdosing psychedelics in depression. *Therapeutic advances in psychopharmacology*, v. 10, p. 2, 2020. doi: 10.1177/2045125320950567.

LANCETTI, A., & AMARANTE, P. *Saúde Loucura 7: Clínica peripatética*. Editora Fiocruz, 2009; 27p.

LOPES, C. S. Como está a saúde mental dos brasileiros? A importância das coortes de nascimento para melhor compreensão do problema. *Cadernos De Saúde Pública*, 36(2), 2020. doi: 10.1590/0102-311X00005020

MANUAL MSD, Transtornos Psicóticos Induzidos por Substância/Medicação, 2022. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/esquizofrenia-e-transtornos-relacionados/transtornos-psic%C3%BCticos-induzidos-por-subst%C3%A2ncia-e-por-medica%C3%A7%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em: nov/2024.

NUTT, D, et al. Psychedelic Psychiatry's Brave New World. *Cell*. Volume 181. Número 4, p. 24-28, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.cell.2020.03.020>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depression and Other Common Mental Disorders - Genebra: OMS, 2017. Disponível em:

<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>
Acesso em: out/2024

PARNAS, J. The RDoC program: psychiatry without psyche? *World Psychiatry* 13, p. 46–47. 2014. doi: 10.1002/wps.20101

PIO, G. P, et al. O papel da Psilocibina no tratamento de depressão resistente. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 8846–8855, 2021. doi: 10.34119/bjhrv4n2-395.

Revista EXAME, Psiquiatras dos EUA estão preocupados com crise de remédios. São Paulo, 02 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://exame.com/mundo/psiquiatras-dos-eua-estao-preocupados-com-crise-de-remedios/> Acesso em: nov/2024

REVISTA ISTO É, Anvisa dificulta brutalmente os estudos sobre psicodélicos, diz neurocientista Eduardo Schenberg. São Paulo, 25 de outubro de 2024. Disponível em: https://istoe.revistaseditora3.com.br/2024/10/25/a-anvisa-dificulta-brutalmente-os-estudos-sobre-os-psicodelicos/?fbclid=PAZXhobgNhZWoCMTEAAaYFdhf3xvIpIYMTRk3jt4BrA77iz5A_EYpV3twsulYMBAAoVOVHxZ3P3PI_aem_KP2zLd3ZOITorkkQbjtUbg Acesso em: nov/2024

RICHARDS, W. A. Psychedelic psychotherapy: Insights from 25 years of research. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 57, n. 4, p. 323–337, 2017. doi: 10.1177/0022167816670996

ROSE, N. Neuroscience and the future for mental health? *Epidemiol. Psychiatr. Sci.* 25, 95–100. 2016. doi: 10.1017/S2045796015000621

171

ROSEMAN L, et al. Quality of Acute Psychedelic Experience Predicts Therapeutic Efficacy of Psilocybin for Treatment-Resistant Depression. *Front Pharmacol.* 2018. doi: 10.3389/fphar.2017.00974.

SCHENBERG, E Psychedelic-assisted psychotherapy: a paradigm shift in psychiatric research and development. *Frontiers in pharmacology*, v. 9, Article 733, 2018. doi: 10.3389/fphar.2018.00733.

STEPHAN, K. E, et al. Charting the landscape of priority problems in psychiatry, part 1: classification and diagnosis. *Lancet Psychiatry* 3, p. 77–83. 2016. doi: 10.1016/S2215-0366(15)003612

TAGLIAZUCCHI E, et al. Enhanced repertoire of brain dynamical states during the psychedelic experience. *Hum Brain Mapp*, 5442–56, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6869695/>

VAN GERVEN, J; COHEN, A. Vanishing clinical psychopharmacology. *Br. J. Clin. Pharmacol.* 72, 1–5. 2011. doi: 10.1111/j.1365-2125.2011.04021.x

Vendas de medicamentos psiquiátricos disparam na pandemia. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 16 de março de 2023. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/16/03/2023/vendas-de-medicamentos-psiquiatricos-disparam-na-pandemia> Acesso em: set/2024.